

5

Considerações Finais

Nesta dissertação, procurei determinar a imagem dos autores russos Dostoiévski e Tolstói — e também da própria literatura russa como um todo — que foi construída pelas traduções para o português, inicialmente indiretas e, nos últimos tempos, diretamente do russo. Não foi o objetivo deste trabalho analisar diretamente as traduções em si. A proposta foi descrever os paratextos e os metatextos disponíveis sobre os dois autores russos que foram objeto desta pesquisa e, a partir dos comentários neles formulados, verificar em que medida a imagem desses autores, construída pelas traduções indiretas, difere daquela construída pelas transposições que partem dos textos em russo. O *corpus* da pesquisa constituiu-se de paratextos das edições traduzidas (incluindo capas, contracapas, prefácios, notas de rodapé e de tradução) e metatextos dos mais variados tipos (resenhas, ensaios críticos, entrevistas, reportagens, *sites* de editoras e outros). Fiz também entrevista com o tradutor e professor da UFF Paulo Bezerra, especialista em literatura russa, e assisti a conferências do professor e tradutor Boris Schnaiderman, que gentilmente, ao final, colocou-se à disposição para eventuais consultas.

Procurei contextualizar a obra de Dostoiévski e Tolstói, retratando o ambiente social, político e literário que a gerou no polissistema de origem, para então focar a difusão dessa obra no polissistema literário brasileiro por meio inicialmente de traduções indiretas a partir de textos já vertidos para o francês (ou, mais tarde, para o inglês) e, mais recentemente, por meio de traduções diretas. A análise do discurso elaborado a respeito desses autores e de suas obras, tanto originais como em tradução, buscou mostrar a construção de uma nova imagem dessa literatura a partir das traduções diretas.

Além disso, como procurei mostrar, peculiaridades marcantes do estilo desses dois autores foram muito suavizadas, buscando-se uma fluência e uma elegância que pudessem agradar aos leitores das traduções. No caso de Tolstói, chama particular atenção o fato de que a repetição de palavras e expressões e o emprego de períodos longos e, por vezes, dispersivos deram lugar — tanto nas

versões francesas como naquelas em língua portuguesa que delas partiram – à utilização de sinônimos para criar maior variedade lexical e à subdivisão dos períodos em orações curtas, conforme nos conta o tradutor Rubens Figueiredo (s/d). Já Dostoiévski, cujo discurso nem sempre prima pela fluência ou pela elegância, como observa o premiado tradutor Paulo Bezerra (2007), sofreu um processo de facilitação, de modo que seus leitores não sentissem que estavam lendo traduções. Assim como as traduções francesas, as transposições para o inglês de tradutores como Constance Garnett também buscaram, através da domesticação, aproximar ao máximo os textos traduzidos do público-alvo, de forma que ele mal percebesse tratar-se de traduções. São essas características originais que foram perdidas ou desvirtuadas nas traduções indiretas que as traduções diretas agora procuram restaurar.

Embora consciente de que não existe uma tradução “definitiva” para um texto, tampouco uma tradução perfeita de acordo com critérios rígidos de fidelidade derivados de uma visão essencialista de linguagem e de tradução, acredito que algumas imagens de autores e obras construídas por meio de reescritas apresentam, em relação a outras, um maior número de traços, ou características, tradicionalmente atribuídos aos autores e obras que representam. Este é o caso das traduções diretas, em relação às indiretas: eliminando-se a triangulação de uma terceira língua e cultura, que constitui uma etapa intermediária – e um novo texto-fonte – no caso das traduções indiretas, a negociação do sentido pode ser feita apenas entre duas línguas e culturas. Como resultado desse processo mais direto, acredita-se que a(s) imagem(ns) de um autor e/ou de uma obra construída(s) pela tradução e que circula(m) no polissistema receptor se aproxime(m) mais daquela(s) vigente(s) no polissistema de origem.

Segundo o professor de Oxford, Ray Harris, mencionado no último capítulo, uma tradução pode ser útil para uma geração de leitores até que, quando a língua muda (ou mesmo, poderíamos acrescentar, quando as condições de leitura mudam), uma nova tradução estará disponível. A julgar pelo que observamos, tudo indica que, na geração atual, parece haver o sentimento de que a literatura russa, assim como qualquer outra, será mais “autêntica” se sua difusão se realizar por meio de traduções diretas.

A imagem desses autores e de suas obras, em termos da abordagem do tema, não mudou com as traduções diretas; o que mudou, entretanto, foram os

aspectos relacionados à forma, ao estilo, à dicção (palavras e expressões usadas) e à descrição do estado mental e emocional dos personagens, que nas traduções indiretas era bastante reduzida. Dessa forma, a imagem que surge das traduções diretas é a de artesãos da palavra, capazes de descrever vários tipos de comportamento e situações através dos diversos recursos de que a língua russa dispunha na época.